

GAUCHISMO, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO

Maria Eunice Maciel

Na região correspondente ao Uruguai, Argentina e sul do Brasil, existe um movimento chamado de “Movimento Tradicionalista”, ou simplesmente “Tradicionalismo”, o qual mobiliza um grande número de pessoas agrupadas em associações construídas em torno da perspectiva de preservação das tradições associadas ao gaúcho realizando um “culto” a estas tradições.

Trata-se de um movimento forte, construído num processo que envolve construções e afirmações (ou reafirmações) de identidades locais e regionais bem como suas relações com a nação e a formação da nacionalidade. Seu eixo encontra-se numa figura que é compartilhada pelos três países, o gaúcho, e é a partir dele que podemos levantar questões relativas ao processo de construção de identidades que operam com a memória e a transformação/atualização/invenção das tradições e do passado.

Como uma cópia pode ser autêntica? Como uma manifestação e uma prática cultural “nova” pode ser vista como tradicional? Como se combinam reivindicação à autenticidade com reivindicação identitária? Como é lançada mão do passado e da memória para a recriação de figuras de identidade? Estas e outras questões fazem parte de uma problemática que perpassa a discussão acerca do Gaúcho e do Gauchismo e que merece ser colocada em foco, assim como o processo de construção de identidades e os símbolos de pertencimento e expressão identitária. Assim, não é objetivo do presente trabalho indagar se determinadas manifestações e práticas culturais chamadas ou vistas como “tradicionais” são ou não “autênticas”. É através do estudo deste movimento que existe no sul do Brasil, o chamado Gauchismo e suas variantes, que se pode discutir as questões que envolvem tradição, tradicionalismo e memória em um processo de construção de identidades.

O Gaúcho e os gaúchos

Historicamente, o gaúcho está ligado aos primórdios da ocupação européia desta região. Zona de fronteira, o território

compreendido pelo sul do Brasil, Uruguai e Argentina foi um dos pontos onde a expansão colonial das duas coroas, espanhola e portuguesa, fez com que estas se chocassem frontalmente, tornando-se palco de lutas de fronteiras que definiram limites territoriais e pertencimentos nacionais. Embora geralmente associada ao pampa (porém, indo além do pampa geográfico), esta região foi ocupada na base da grande propriedade criadora de gado. É neste cenário marcado pelo binômio gado-guerra que emergiu o gaúcho e que lhe conferiu significado. Embora o processo nos três países apresente semelhanças, aqui trata-se exclusivamente do gaúcho brasileiro.

Nos primeiros tempos de ocupação e colonização, o gaúcho, o *guasca*, o *gaudério* era o marginal, “sem lei nem rei”, aquele que “morava na sua camisa, debaixo de seu chapéu”¹ e que percorria, sozinho ou em bandos, aquela “terra de ninguém” que seria depois o Rio Grande do Sul. Passando de marginal a herói, ele trilhou um caminho no qual sofreu diversas transformações.

Descrições destes primeiros ocupantes chegaram até nós, pelos europeus que aqui estiveram no final do século XVIII e durante o XIX. Um dos mais antigos relatos é de J.H. Boehm, militar alemão que lutou ao lado dos portugueses e que assim escreveu em 1777:

*O objetivo desta comissão é o de trazer gado que abunda nestas campanhas até além de Santa Tecla (o que é feito por camponeses voluntários chamados de gaudérios e que só servem nestas ocasiões...)*².

Com o tempo, o termo *gaudério*³ foi substituído por *gaúcho*. Segundo Fernando Assunção, o primeiro registro desta palavra foi feito numa comunicação de Dom Pablo Carbonell (Comandante de Maldonado, no Uruguai) datada de 23/10/1771:

*Muy Sr. mio; Haviendo tenido noticia que algunos gahuchos se havian dejado ver a la Sierra, mande a los Tenientes de Milicias dn. Jph Picolomini, y dn. Clemente Puebla, pasasén a dicha Sierra con una Partida de 31 hombres entre estos algunos soldados dela Batton a fim deazer una descubierta en la expresada Sierra, por ver si podian encontrar los malechores, y al mismo tiempo viesen si se podia recoger algùn ganado; y haviendo practicado... etc.*⁴

1 Cf. Augusto MEYER. Gaúcho, história de uma palavra. *Cadernos do Rio Grande*, IEL, Divisão de Cultura, SEC, Porto Alegre, 1957.

2 BOEHM, J.H. Mémoires Relatifs à l'expédition au Rio Grande do Sul. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1979)*, volume III, Rio de Janeiro, IHGB/IGHMB, 1979, p. 164.

3 Ver glossário de termos gauchescos ao final do texto.

4 ASSUNÇÃO, Fernando O. *El Gaucho-estudio socio-cultural*. Montevideo: Universidad de la República, Dirección General de Extensión Universitaria, 1979, p. 424.

Auguste de Saint-Hilaire, escrevendo em 1820-1821, utilizava o termo gaúcho para designar um grupo social específico, sempre no sentido de “bandido”, como por exemplo:

*[...] esta região [...] era outrora habitada por estancieiros portugueses mas suas habitações foram duas vezes destruídas durante a guerra pelos gaúchos e eles não tiveram animo de restabelecer pela terceira vez. [...] os animais de Itaruquem desapareceram quando os gaúchos entraram em São Nicolau*⁵.

Nicolau Dreys os descreveu como grupos de homens mestiços e nômades, existindo onde havia estâncias e charqueadas, sendo excelentes cavaleiros, jogadores e guerreiros:

*sem chefes, sem leis, sem polícia, os gaúchos não têm, da moral social, senão as idéias vulgares, e sobretudo uma sorte de probidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhes faz benefício ou de quem os emprega, ou neles deposita confiança...*⁶

Dreys já assinalava que, nessa época, o termo gaúcho estava perdendo o sentido pejorativo que possuía anteriormente. Em 1852, no vocabulário de termos regionais de Pereira Coruja, o gaúcho é o “índio errante dos campos”⁷. Posteriormente, o mesmo autor cita a existência de tropas de “*Belendengues* que em ocasiões de guerra se arrebanhavam entre os gaúchos e vagabundos dos campos para servirem de isca ao inimigo nas guerrilhas”⁸.

No século XIX, o Rio Grande do Sul passou por grandes transformações. Pouco a pouco, as estâncias foram sendo delimitadas, os campos cercados e os gaúchos nômades foram sendo incorporados ao trabalho pastoril como peões. São eles também que compuseram a maioria das tropas rio-grandenses que atuaram nos conflitos armados em que o Rio Grande do Sul e o Brasil (até mesmo a guerra do Paraguai) se envolveram.

Assim, aos poucos, aqueles grupos de gaúchos foram desaparecendo. No entanto, sua incorporação como trabalhadores de estância não significou, automaticamente, seu fim, pois os peões eram recrutados entre os gaúchos nessa época, ficando assim difusos os limites entre os dois grupos.

5 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974. p. 108 e 138.

6 DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão; EDIPUCRS, 1990, p. 122.

7 PEREIRA CORUJA, Antonio A. apud Carlos Dante de MORAES. In: *Figuras e ciclos da História rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1959, p. 184.

8 PEREIRA CORUJA, Antonio A. *Antigualhas*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, ERUS. 1983, p. 78. Pereira Coruja editou este capítulo pela primeira vez em 1887.

Foi na segunda metade do século XIX que, com base no grupo social dos gaúchos, a figura do gaúcho começa a ser construída e exaltada, num processo que segue até o século XX. Neste sentido, uma contribuição importante foi dada pelos literatos locais, reunidos numa associação cultural criada em 1868, denominada Parthenon Literário.

É interessante notar que, no início, ainda havia restrições a este termo. Segundo Carlos Dante de Moraes, um fator que influenciou na mudança que o vocábulo sofreu foi a Guerra do Paraguai, dada a participação e destaque nacional das tropas rio-grandenses, o que teria feito com que “gaúcho” fosse visto com “louvor e admiração”⁹. Com efeito, foi o escritor José de Alencar (que sequer conhecia o Rio Grande do Sul) o primeiro a escrever um romance onde o gaúcho aparece como herói. Dada a importância de José de Alencar nesta época, é possível que sua influência tenha sido um dos fatores de mudança na atitude dos intelectuais locais frente ao gaúcho. Teria sido, assim, a valorização nacional externa à região o fato desencadeador de uma nova visão dos rio-grandenses sobre o tipo local, o gaúcho.

Neste período veiculou-se, a idéia do gaúcho como o “Monarca”, tema que aparecia anteriormente na literatura oral, nos chamados “cantos de monarquia”, os quais, segundo Augusto Meyer, já existiam em 1835¹⁰, como, por exemplo, o *Soneto Monarca*:

*Nos meus pagos sou moço conhecido
Por monarca de grande opinião
Tenho fama em todo este rincão
E por Deus que sou quebra destemido*¹¹.

A imagem do gaúcho como “Monarca das Coxilhas” aparece num conto de um dos principais integrantes do Patronon Literário, Apolinário Porto Alegre (sendo, inclusive, seu título), como também num poema de Múcio Teixeira, “Canto do Monarca”:

*Se ele é rei – eu sou monarca;
Se ele tem cetro dourado,
Tenho relho prateado
E a cancha do meu punhal*¹².

O gaúcho era então cantado por literatos estabelecidos na cidade sem maiores relações com o campo e o universo das es-

9 MORAES, Carlos Dante de, op. cit., p. 185.

10 MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Aurora, 1951, p. 110.

11 Ibidem, p. 110. O autor coloca que este soneto seria anterior a 1835, comunicado por José Gabriel Teixeira, de Rio Pardo, à redação do Anuário de Graciano A. de Azambuja em 1891.

12 TEIXEIRA, Múcio. *Flores do Pampa*. [S. I.] [S. N], 1877.

tâncias¹³ mas que, mesmo assim, influenciaram na visão idílica do pampa e na formação da figura do gaúcho.

De certa forma, esta situação remete às idéias de Todorov sobre o exotismo onde:

La connaissance est incompatible avec l'exotisme, mais la méconnaissance est à son tour inconciliable avec l'éloge des autres; or, c'est précisément ce que l'exotisme voudrait être, un éloge dans la méconnaissance. Tel est son paradoxe constitutif¹⁴.

Neste caso, um “exótico” muito próximo geograficamente, porém muito distante socialmente.

Mas se o gaúcho era cantado como “monarca” pelos literatos locais, no início do século XX, o termo gaúcho ainda não era, generalizadamente, utilizado como sinônimo de sul-rio-grandense, embora Cezimbra Jacques em 1912 assinala que “hoje denomina-se gaúcho ao platino e ao rio-grandense em geral”¹⁵. É no decorrer do século XX que, aos poucos, o uso como um gentílico se estabelece para toda a população do Rio Grande do Sul¹⁶.

Neste processo de construção de uma identidade regional, no Rio Grande do Sul ocorreu uma dupla necessidade: afirmar-se enquanto gaúcho (diferenciando-se dos habitantes de outros Estados do Brasil) e enquanto brasileiro (diferenciando-se dos gaúchos uruguaios e argentinos – os platinos), e, assim, afirmar-se como gaúcho brasileiro.

Aqui nos limitaremos a tratar do movimento Tradicionalista que existe no sul do Brasil e assim trata-se, em princípio, de um fenômeno regional. Basicamente, refere-se ao Estado do Rio Grande do Sul, a região brasileira do gaúcho, onde Tradicionalismo e seu congênere, o Gauchismo, nasceram e possuem força considerável. No entanto, nas últimas décadas, o Movimento

13 Regina Zilberman assinala a ótica externa da vida rural campeira, citando outro poema de Múcio Teixeira, no qual verifica-se um desconhecimento dos hábitos dos gaúchos ao mesmo tempo que apresenta uma visão idílica de sua vida: ZILBERMAN, Regina. *Literatura Gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 23-24.

14 TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1989, p. 298.

15 CEZIMBRA JACQUES, João. *Assuntos do Rio Grande do Sul*, União de Seguros Gerais, 1979 (1. ed. 1912), p. 166. Este autor também observa que: “Além deste tratamento (continentinos) com que éramos distinguidos por essa raça valente, da qual em grande parte descendemos, e do título muito honroso de sul-rio-grandense, temos sido conhecidos pelos três apelidos seguintes: Monarca da Coxilha, Guascas e Gaúcho” (p. 54).

16 Embora seja necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, é interessante notar que no início da Revolução de 30, o jornal *Correio do Povo* não utilizava *gaúcho* como sinônimo de rio-grandense de uma maneira geral. A partir de outubro (salvo engano, a partir de 9 de outubro), este uso é constante. Isto não descarta que o vocábulo tenha tido tal utilização anteriormente, mas é mais um dado sobre seu uso.

ultrapassou as fronteiras estaduais em função das levas colonizadoras de rio-grandenses, que se dirigiram aos outros Estados da Federação e que difundiram o Gauchismo pelo Brasil afora atraindo participantes que não possuem origem nem relações diretas com o Rio Grande do Sul. Recentemente (final do século XX, possivelmente final dos anos 1980), foi criada a Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas e, mais recentemente ainda, a Confederação Internacional de Tradições Gaúchas.

O culto às tradições realizado pelo Tradicionalismo no Rio Grande do Sul é estruturado e organizado por uma espécie de Federação, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), o qual se estrutura em associações tais como os chamados Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), os Piquetes (ou Piquetes de laçadores) e ainda outras com denominações diversas, porém com as mesmas características e objetivos.

O culto a que se propõe o Tradicionalismo se efetua, fundamentalmente, através da recriação de um determinado modo de vida associado aos gaúchos – o que implica em recriar a vida das estâncias e o passado local. De uma maneira geral, pode-se dizer que o eixo em torno do qual o movimento se constrói é um espaço – tempo idealizado a partir de elementos pertencentes ao imaginário local recriado segundo critérios contemporâneos –, o que levaria a uma atualização do passado. É este o campo no qual o movimento atua num processo de construção e afirmação identitária que acaba por criar uma Cultura Tradicionalista, diferente da Cultura Tradicional porém com a qual mantém relações.

Embora as representações associadas ao gaúcho geradas pelo Tradicionalismo tenham se estabelecido como “oficiais”, ou seja, foram adotadas pelos poderes públicos, no Rio Grande do Sul, o processo que lida com “o que é” e “como é” o gaúcho extrapola os limites do MTG. Com o tempo, surgiu aquilo que é chamado de Gauchismo, um termo muito genérico que indica “tudo o que se refere ao gaúcho” e não, necessariamente, só o que é ligado ao Tradicionalismo. De fato, há uma série de contestações ao modelo e à prática do MTG sendo que as divergências são tanto externas quanto internas, o que expressa uma luta por estabelecer quem tem poder para falar sobre o gaúcho.

O Gauchismo é algo difuso, contendo também aqueles que se auto-intitulam de “nativistas”, que não aceitam o Tradicionalismo e tentam manter uma independência em relação a este. Dentro do Gauchismo há, portanto, não apenas o Tradicionalismo de uma maneira geral, como o MTG, sua parte organizada e a que consegue impor sua perspectiva em relação ao gaúcho e às tradições como legítimas e “oficiais”, bem como todas as manifestações, estruturadas ou não, que operam com um processo identitário relacionado ao Rio Grande do Sul e ao gaúcho.

Em primeiro lugar caberia situar, em grandes linhas, de qual gaúcho se está aqui falando, dado que sob esta denominação podemos estar nos referindo tanto a todos os sul rio-grandenses (um gentílico) como também ao homem das estâncias, ligado às atividades pastoris (de ontem e de hoje). Do mesmo modo, é possível pensar em uma figura emblemática, construída a partir do homem do campo e que acaba implicando em todos os nascidos no Estado. Em outras palavras, é criada, a partir de uma série de representações ligadas ao homem do campo (que serve como referencial básico), as quais fazem parte do imaginário local (o constituem e o alimentam), uma *figura* que serve como modelo, implicando no conhecimento e reconhecimento de todos os gaúchos. E é assim que o *gaúcho* passa a ser o *Gaúcho*.

Esta é uma das questões básicas quando se lida com processos identitários, pois está presente o fato de que o Gaúcho é considerado como um “tipo social”, o que leva a questionar o uso e os pressupostos desta idéia que implica na tipificação e na construção de estereótipos remetendo a formas pré-conceituais de reconhecimento e a pré-julgamentos.

Quando são feitas referências a um “tipo”, seja ele chamado de “característico” ou “social”, está se referindo a um modelo, uma imagem cristalizada, fruto de um processo redutor que, ao generalizar determinados atributos (sejam eles imaginários ou não), simplificam a complexidade cultural do grupo ao qual este “tipo” concerne, reduzindo a expressão identitária deste grupo a uma figura a quem são atribuídas determinadas características vistas como “definidoras” ou “identificadoras” deste grupo, condensando, desse modo, as idéias relativas a ele.

Seu uso como uma referência identitária serve para afirmar diferenças que estabelecem distinções entre grupos contribuindo assim para o reconhecimento do grupo ao qual este “tipo” está relacionado e em referência ao qual ganha sentido. No entanto, implica em operar e estabelecer formas de reconhecimento relacionadas, nas quais frases tais como “o Gaúcho é assim ou assado” (ou, conforme o caso, o baiano, o mineiro, o nordestino, o bretão, o siciliano ou qualquer outro nacional ou internacional) referem-se a uma generalização de todo um grupo social sintetizado numa só figura¹⁷.

Para a construção deste modelo (ou tipo), recorre-se à história, às tradições, aos costumes locais, enfim, determinados elementos que ganham significado quando articulados de maneira a formar um todo diferenciado e singular, através do qual se condensam e se expressam imagens, valores e idéias sobre

17 Sobre o assunto, ver MACIEL, Maria Eunice, “Os tipos característicos. Região e estereótipos regionais”. *Humanas*, v. 8, n. 1/2, jan./dez., 1995.

como seriam os componentes do grupo que estaria sendo representado neste tipo e assim estabelecer balizas identitárias

Este fato lembra uma situação descrita por Manuela Carneiro da Cunha¹⁸, ao tratar da *cultura na diáspora*, na qual, de uma “bagagem cultural”, são selecionados e retirados elementos que vão ao encontro dos interesses do grupo em questão. Assim, não é toda a “bagagem” que é utilizada: são escolhidos determinados elementos culturais que são tidos como os que poderiam, da melhor maneira, representá-los frente aos demais, tornando-se, assim, sinais diacríticos.

Pensando neste caso, a construção de tipos ou figuras emblemáticas requer também uma “bagagem” fornecida pela história, a memória e as tradições e costumes locais. Porém, nem tudo é utilizado, somente aquilo que pode atender às necessidades identitárias do grupo, construindo algo que seja capaz de efetuar uma identificação. O caso da ressemantização do Gaúcho parece ter algo a ver com este processo: do passado, recolheu-se a idéia de valentia e liberdade, deixando-se de lado a crueldade e violência inerentes a estes bandos dos primeiros gaúchos.

Este processo que estabelece as características do grupo e do tipo a ele relacionado definindo o que está dentro e o que está fora, o que pertence e o que não pertence, leva a pensar numa situação de “pureza e perigo”, tal como descrita por Mary Douglas¹⁹, guardadas as devidas proporções e diferenças. Para o Tradicionalismo, o puro, o não-contaminado, o nativo, o espontâneo, seria assim o “verdadeiro”. O estrangeiro, o alienígena, o que sofreu influências, o que se transformou, seria o “falso” e, portanto, o perigoso. Sua atuação na preservação das tradições seria justamente zelar pelo que considera, segundo seus critérios, o autêntico.

O passado, neste quadro, torna-se uma “garantia de veracidade” e o fator legitimador de um costume ou de uma manifestação cultural, já que é nele que são encontradas as tradições e é ele o manancial de onde são buscados os elementos que vão ser os traços ou marcadores de uma dada identidade. O critério “antigüidade” é confundido assim com “autenticidade”, ou seja, quanto mais remoto mais legítimo se torna.

Autêntico, numa dada concepção, se opõe à cópia, ao falso, o que, no caso em apreciação, se reflete numa busca pelo “autêntico gaúcho” portador das “autênticas tradições gaúchas”, o que implica em se falar no “verdadeiro gaúcho”. No entanto, numerosos são os autores que mostraram como esta autenticidade é construída, assim como as tradições nas quais ela

18 CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1986.

19 DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

se baseia²⁰. Porém, dentro da ótica essencialista operada pelo Tradicionalismo e o Gauchismo, a “identidade gaúcha” é naturalizada. Assim, a partir desta idéia, existiria uma essência no “ser gaúcho” que o definiria como tal e esta assim chamada “essência” seria traduzida e sintetizada e expressada pela figura emblemática do Gaúcho.

No que se refere ao discurso, dentro desta perspectiva essencialista, “o Gaúcho” torna-se uma figura que, embora sem existência concreta, possui uma personalidade, uma vida, tornando-se, desse modo, um referencial ao qual o grupo se volta e utiliza para se definir perante os outros.

Como o passado é legitimador, são as tradições as evocadas para estabelecer um elo entre os homens do passado e os do presente. Mas o que se entende por tradição merece uma apreciação.

Geralmente, a tradição é pensada como algo que é recebido do passado e mantém uma permanência no presente, conservando-se de forma a manter uma configuração idêntica ao modelo original²¹. Esta noção pertence ao senso comum mas também é utilizada por muitos dos que trabalham com tradição e folclore. No entanto, esta noção é criticada no sentido de que as manifestações ditas “tradicionalistas” também têm uma história que inclui mudanças e variações e que, se elas se mantêm no presente, não é da mesma forma que existiam no passado e, portanto, é outro o seu significado.

A idéia de tradição como sobrevivência, como algo cristalizado no tempo e no espaço, faz com que se perca justamente a dinâmica e o sentido de determinada manifestação cultural. Lévi-Strauss, falando sobre os rituais de Natal, assim coloca:

As explicações por sobrevivência são sempre incompletas; porque os costumes não desaparecem nem sobrevivem sem razão. Quando eles subsistem, a causa se encontra menos numa viscosidade histórica do que na permanência de uma função que a análise do presente deve permitir a desvendar²².

Fundamental, neste trecho, é a idéia do presente como a referência que faz com que tal costume exista, não porque tenha escapado do desaparecimento, um resíduo anacrônico do passado

20 Eric Hobsbawm, fazendo uma diferenciação entre tradição, tradição inventada e costume, mostra o quanto tais manifestações são construídas e a que objetivos sua permanência serve. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

21 Cf. LENCLUD, Gérard. “La tradition n’est plus ce qu’elle était...”. In: *Terrain* n° 9, octobre 1987, p. 110.

22 LÉVI-STRAUSS, Claude *apud* BELMONT. *Arnold Van Gennep – créateur de l’ethnographie française*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, [s/d], p. 25.

que se mantém por sua “bizarrice”, mas porque existe hoje por possuir um determinado significado para os homens do presente.

J. Pouillon, outro autor que trabalha a noção de tradição, diz que “não se trata de colocar o presente sobre o passado mas de encontrar neste o esboço de soluções que nós acreditamos justas hoje não porque elas foram pensadas ontem mas porque nós as pensamos agora”²³.

Comentando esta afirmação, G. Lenclud conclui que a tradição “não é (ou não é necessariamente) aquilo que sempre foi, ela é aquilo que nós a fazemos ser”. Procurando definir tradição, Lenclud a percebe não como um produto do passado recebido passivamente pelo presente, mas como um “ponto de vista”, uma interpretação deste passado²⁴.

Desta forma, para diversos autores, a tradição é vista através do caminho inverso, isto é, ela adquire significado hoje para os homens do presente ou, como diz Ortega y Gasset, “a tradição é uma colaboração que nós pedimos ao nosso passado para resolver nossos problemas atuais”²⁵.

Assim, a perspectiva, através da qual as tradições geralmente são vistas, é alterada, passando o seu referencial do passado para o presente. Isto nos traz de volta à questão inicial acerca da cultura tradicional e tradicionalista e, para tal, é necessário percorrer um pouco a história e as idéias do Gauchismo em geral e do Tradicionalismo em particular.

Um positivista funda o Tradicionalismo no Rio Grande do Sul

A primeira associação criada no sentido de promover a preservação das tradições gaúchas surgiu ainda no século XIX no Uruguai, a “Sociedad Criolla”, criada pelo poeta e reitor da Universidad de la República, Dr. Elias Regules, numa ação que, no dizer do pesquisador Fernando Assunção:

[...] no sólo asumió la defensa memoriosa del gaucho que desaparecía del horizonte real de la patria, sino que intentó una suerte de “ressurrección material” del gauchaje, con la fundación de la “Sociedad Criolla”, que hoy ostenta orgullosa su nombre, la que se convirtió en santuario y pontual centro de reunión de sus románticos evocadores”²⁶.

No Brasil, a primeira associação tradicionalista do Rio Grande do Sul – o Grêmio Gaúcho – surgiu em 1898, tendo como inspirador e mentor o major João Cezimbra Jacques. Cezimbra

23 POUILLON apud LENCLUD, Gérard. “La tradition n’est plus ce qu’elle était...”. In: *Terrain* n. 9, octobre 1987, p. 118.

24 Cf. LENCLUD, op. cit. 118.

25 ORTEGA Y GASSET apud ZUMTHOR, Paul. L’oubli et la tradition. In: *Politiques de l’oubli, Le Genre Humain*. Paris: Seuil, octobre 1988, p. 105.

26 ASSUNÇÃO, op. cit., p. 451.

Jacques, como ficou conhecido, nasceu e criou-se em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, numa família de funcionários e de militares, pessoas com uma certa instrução, a qual, ainda que não fosse muito significativa, era um diferencial frente ao meio rústico, onde imperava o analfabetismo, do Rio Grande do Sul daquela época.

Não há informações que levem a crer que a família tenha sido estancieira, o que teria dado a Cezimbra Jacques um convívio estreito com o campo e os gaúchos. Porém, embora fossem cidadãos, Santa Maria da Boca do Monte, nesta época, era uma pequena povoação com grandes ligações com o meio rural e com as estâncias o que teria, possivelmente, propiciado a Cezimbra Jacques uma convivência com os gaúchos e peões durante a infância e a juventude, fazendo com que viesse a familiarizar-se com seu modo de vida muito cedo.

Cezimbra Jacques entrou para o exército em plena Guerra do Paraguai. Terminada a Guerra, permaneceu no exército como militar profissional, fazendo carreira nos Cursos e Escolas militares e chegando ao posto de major. Sua atividade no exército fez com que conhecesse grande parte do território rio-grandense, tanto geograficamente quanto ao que se refere a sua população, em particular aos grupos indígenas, pois falava o idioma guarani e manteve vários contatos com os mesmos. Destas experiências e observações, surgiram cerca de sete ou oito livros sendo o primeiro *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, publicado pela primeira vez em 1883.

Em sua obra, é possível observar-se a forte influência de Augusto Comte, principalmente nas concepções positivistas sobre a família, a hierarquia social e, principalmente, no que concerne este trabalho, tradição.

Mas cabe lembrar que mesmo sendo um adepto de Comte, o positivismo de Cezimbra Jacques fazia parte daquele positivismo à la gaúcha, isto é, uma versão particular do comtismo que existiu no Rio Grande do Sul, pelo qual era aproveitado o que interessava à elite no poder e esquecido (ou omitido) o que não atendia aos seus interesses. Este positivismo “rio-grandense”, ou seja, reinterpretado às condições locais, possui uma grande força política e influenciou, mesmo que de maneira difusa e confusa, vários aspectos da vida intelectual da região (entre eles a historiografia local, o Tradicionalismo e as concepções relativas à figura do gaúcho). Segundo Nelson Boeira, especialmente após a morte do principal líder republicano local, Julio de Castilhos, passou-se a “sublinhar, de preferência, as virtudes moralizadoras do comtismo. Procura-se então aproximar as fór-

mulas positivistas das ‘virtudes naturais do gaúcho’²⁷. As idéias e a prática de Cezimbra Jacques ilustram bem esta situação.

A justificativa para a criação do Grêmio Gaúcho mostra alguns dos principais traços e concepções que balizaram o Tradicionalismo de outrora e que ainda hoje são encontrados, de uma outra forma, no Tradicionalismo atual. As razões para a criação do Grêmio situavam-se, segundo Cezimbra Jacques, nas características de sua época, a qual ele descrevia como sendo de “indiferentismo e decadência”, quando as “tradições caíam no esquecimento” e de “desprezo ao nosso passado”, o que levaria à necessidade de “manter vivas as tradições”, que são o elo de ligação com este passado, relacionando tradição com atualidade e cotidiano:

Pensamos que esta patriótica agremiação, como as sociedades congêneres, não é destinada a introduzir nem manter na vida comum da sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época na qual vivemos não comporta mais e nem é tampouco ela uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma nem outra coisa. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho do nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares, dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante não só da nossa nacionalidade como do estrangeiro, por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos e diversões do tempo presente, porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio de solenidades que não só relembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio da representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos²⁸.

Certos elementos permitem vislumbrar o referencial utilizado pelo autor, tal como a idéia de evolução. Cezimbra Jacques, refere-se constantemente ao “progresso”, mas a um progresso que não rompa com o passado, ponto no qual entra a atuação do Grêmio. É a idéia positivista de progresso e evolução conjugada com conservação (da qual faz parte também “ordem e progresso”) que norteia a criação do Grêmio Gaúcho.

27 BOEIRA, Nelson. “O Rio Grande de Augusto Comte. In: *RS Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 35.

28 BOEIRA, op. cit., p. 35.

Sobre a atuação da associação, Cezimbra Jacques propõe algo que vai ser característico da atuação do moderno Tradicionalismo Gaúcho, ou seja, mais do que formar um “museu com peças antigas”, a associação deveria manter a vivência de determinados costumes, como as danças e as músicas gauchescas, os “exercícios de cavalhada” bem como outros mais.

*Cultivemos, dentro dos limites de nossa sede social tudo quanto toca às honrosas e gloriosas tradições dos nossos maiores, não nos limitando a guardar no museu da mesma sede, no qual tudo é morto, artigo de usos do passado. Demos vida a tudo quanto é alegre, nobre e grandioso, pertencente aos nossos maiores, a tudo quanto mostrar possa os seus bons caracteres*²⁹.

No texto de Cezimbra Jacques, há uma insistência em não colocar em contradição o que ele chama de “usos do tempo presente” e as tradições que pretende manter as quais deveriam estar limitadas a festas e momentos especiais, circunscrevendo assim os lugares e as ocasiões onde as tradições seriam evocadas, para não colidir com a idéia de “progresso”, como no exemplo que segue:

*Porém, estes atos serão realizados somente em festas tradicionais e nunca na vida comum da atualidade, conforme alguém, pelo menos, denote pensar ingenuamente que os pretendamos introduzir*³⁰.

Desta forma, Cezimbra Jacques é claro: o Tradicionalismo é limitado às entidades tradicionalistas e em momentos especiais. Trazer de volta na vida cotidiana era, para ele, algo contrário à idéia de progresso, tão cara ao positivismo. Desta forma, a partir do comtismo, as idéias sobre o progresso e o conservadorismo eram articuladas, adaptadas e moldadas para garantir uma determinada ordem e manifestavam-se também nos primeiros passos do Tradicionalismo Gaúcho.

Nos escritos de Cezimbra Jacques, já estão presentes alguns elementos que vão marcar o Tradicionalismo e o Gauchismo em geral até hoje: a evocação ao passado, mas uma evocação que não é feita apenas pelo discurso, mas, principalmente, através de uma “personificação”, quase uma encarnação da figura do gaúcho. Uma evocação que faz com que o passado seja transportado ao presente sendo assim mantido através da reconstituição/reconstrução (vvida e/ou encenada) de práticas antigas. Contudo, este transporte não pode ser feito de qualquer forma: ao revivê-lo, revive-se nas condições de hoje, obedecendo a necessidades atuais, em que o passado é chamado para cumprir algum papel na vida dos homens do presente.

29 CEZIMBRA JACQUES, op. cit., p 65.

30 Ibidem, p 59.

Com o tempo e a morte de Cezimbra Jacques, o Grêmio Gaúcho vai mudar de rumo e deixar de lado o Tradicionalismo. Outras entidades surgiram em Pelotas e Ijuí. Porém, ainda não havia um movimento que mobilizasse e se expandisse, o que vai ocorrer em 1948, com a criação do moderno Tradicionalismo, marcado pela fundação do primeiro CTG, o “35 Centro de Tradições Gaúchas”, por um grupo de jovens do interior do Estado morando na capital.

A nova fase e a criação da Cultura Tradicionalista

Hoje, pode-se dizer que existe uma tendência no sentido de atribuir às tradições inventadas recentemente, como as que o Tradicionalismo e o Gauchismo trabalham, a uma antigüidade. Pode-se mesmo dizer que toda uma série de representações que tocam a figura do gaúcho transmitidas pela mídia, pelo discurso oficial e pela escola são, em grande parte, justamente aquelas criadas pela cultura tradicionalista e que dentro dela adquirem sentido. No entanto, são adotadas como “oficiais” e tidas como “tradicionalistas”. Mas para isso, deve-se ver o que é e como se construiu esta situação.

A assim chamada “cultura tradicionalista” foi definida por um dos fundadores do Tradicionalismo Gaúcho desta nova fase, Barbosa Lessa:

O âmagô da questão era o seguinte: com base na cultura tradicional – que respeitaríamos em todos aqueles elementos que pudessem ser mantidos em Porto Alegre e alhures – teríamos de criar uma cultura tradicionalista, adaptável às mais diversas situações de tempo e espaço³¹.

Podemos observar que a pretensão de seus fundadores era construir algo novo, um culto às tradições baseado na cultura tradicional e que implicou na criação da cultura tradicionalista – fruto deste culto e através da qual o culto se realiza –, passível de ser utilizada em qualquer circunstância.

Barbosa Lessa, descrevendo o início do Tradicionalismo em sua nova e mais importante fase³², traça um quadro no qual um grupo de jovens, em sua maioria estudantes com menos de 20 anos, em 1948, na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, cria o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, estopim para o que viria a ser o Movimento Tradicionalista Gaúcho e institui formalmente o culto às tradições. Trata-se do “35 – Centro de Tradições Gaúchas”, modelo para as demais associações tra-

31 BARBOSA LESSA, L. C. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 63.

32 *Ibidem*, p. 56.

dicionaristas que foram sendo fundadas, conhecidas em geral pela sigla de CTG.

Em sua maioria, estes jovens eram provenientes de cidades do interior, tendo vindo morar em Porto Alegre em função de estudo. Poder-se-ia chamá-los de “jovens provincianos”, não provenientes do campo, mas sim de pequenas cidades. Portanto, não se tratava de um grupo de rústicos recém-vindos do campo sem saberem como se comportar na cidade, *guascas*, para utilizar o linguajar local. No entanto, a capital lhes impactava, os atingia de uma certa forma, especialmente no que se refere à modernidade e aos produtos estrangeiros ali encontrados, como coloca Barbosa Lessa ao lembrar aquela época:

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás néon, Hollywood nos estonteava com a tecnolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey mas, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso “pago” sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar o “pingo” e no singelo convívio das rodas de galpão³³.

Este depoimento mostra o impacto da influência cultural norte-americana na Porto Alegre do pós-guerra. Embora Porto Alegre continuasse, em muitos aspectos, sendo uma capital “provinciana”, na percepção do autor, vindo do interior do Estado, ela representava um rompimento com a vida que conhecia, com o que lhe fornecia referenciais, o que lhe dava segurança.

É interessante notar que a chamada para a primeira reunião do grupo é dirigida especificamente aos interioranos, assim descritos:

Aqui trazemos um convite aos gaúchos que, embora residindo na capital e tendo hábitos citadinos (sic), guardam ainda nas veias o sangue forte da terra rio-grandense. É sobre a fundação de um clube tradicionalista. Terá por finalidade reunir no mesmo rodeio os guapos das muitas que-rências do Rio Grande, mas agora residindo em Porto Alegre. No primeiro sábado de novembro realizaremos uma reunião preparatória das atividades, para que todos sejam orientados, e assim entrem na cancha, em março, de relho em pé, prontos para a vitória. Viva o Rio Grande do Sul³⁴.

Aparece assim, desde seu início, uma distinção entre capital/interior – campo/cidade. A cidade (capital) como espaço da modernidade, da transformação e o campo (o interior) como espaço da tradição, que estava sendo desprezada em função de uma nova situação social e da incorporação de novos valores,

33 Ibidem p. 56.

34 Ibidem p. 57.

principalmente aqueles vindos dos Estados Unidos. A utilização da linguagem regional reafirma o sentido da nota, reforçando uma identificação com os gaúchos do campo, presumivelmente portadores deste linguajar e reagindo contra a incorporação do vocabulário norte-americano.

E é em função destas idéias que estes jovens começaram a se reunir aos sábados à tarde, nos fundos da casa de um deles, criando, assim, um espaço de sociabilidade, referenciado no que conheciam no meio rural, em especial no galpão.

O galpão, esta edificação rústica que existe nas fazendas rio-grandenses, local onde a peonada (os trabalhadores da estância e, devido a isso, um grupo masculino) se reúne após o trabalho, era e é visto como um lugar de sossego, calma, aconchego e o lugar privilegiado de sociabilidade da população masculina das estâncias.

O que aqueles jovens procuravam era, assim, recriar em Porto Alegre o ambiente do galpão tal como o tinham na memória, ou seja, um local de reunião onde, ao redor de um fogo-de-chão, tomando mate, podiam conversar, contar “causos”³⁵, declamar poesias, enfim, um ambiente de descanso e de trocas sociais. O galpão é, no imaginário local, um espaço privilegiado para este intento, pois é justamente o local oposto ao trabalho, dedicado apenas ao descanso e ao lazer. Estes gaúchos pretendiam, recriando na cidade um elemento próprio do campo, assumirem-se enquanto Gaúchos. Não havia uma pretensão à pesquisa ou ao estudo, mas à vivência, no que Barbosa Lessa é claro:

*[...] não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou escrever sobre o galpão: desde o primeiro momento encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábados à tarde em nosso fogo-de-chão (grifado no original)*³⁶.

Movimento urbano, o Tradicionalismo Gaúcho nasceu e implantou-se nas cidades, porém recriando um modelo rural. Expandindo-se como Gauchismo, indo além dos limites do MTG, exprime-se por um grande número de práticas e manifestações culturais, nas quais a figura do gaúcho é vivenciada ou seja, os participantes personificam, quase que “encarnam” uma figura (o gaúcho), um tempo (o passado) e um espaço (o pampa) imaginários. Os participantes procuram reconstituir determinados usos e costumes ditos “tradicionais” e assim, “viver o gaúcho” – vive-se *um outro* e vive-se *em um outro*.

Desta vivência, trabalha-se com o imaginário (incluindo a fantasia), do qual advém grande parte da força do movimento

35 “Causos” são pequenas histórias contadas no Rio Grande do Sul, fazendo parte das tradições orais da região.

36 BARBOSA LESSA, op.cit., p. 57.

(cada um pode viver o *seu gaúcho*, tal como o imagina). Assim, seja a quem for, o Gauchismo oferece uma possibilidade de vivenciar uma figura altamente prestigiada e fornece um patrimônio cultural e o inscreve numa história coletiva, mobilizando, assim, expectativas e sentimentos, dentre os quais o de pertencer a um grupo.

Desta forma, o Gauchismo opera a partir de uma visão do passado rural, o que implica na criação e na recriação de manifestações associadas à figura do gaúcho e é desta atualização do passado que emerge a Cultura Tradicionalista, como mostra Barbosa Lessa:

Quando algum elemento faltasse para a nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou de outro. Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivéssemos vestidos à gaúcha? Alguém sugeriu “aperado”. Mas “apero” é arreiaimento, é roupa de cavalo, o termo não ficava bem. Então, na ata de 8 de maio de 1948 o secretário Antônio Cândido se lembrou que pilcha é dinheiro ou o objeto de uso pessoal que possa ter um valor pecuniário. “Vamos oferecer ao patrão de honra, Paixão, um churrasco, ao qual a indiada deverá vir toda pilchada.” E esse invento colou³⁷.

O “invento”, ou seja o preencher das lacunas e a criação de algo novo com os elementos antigos, dando-lhes novos significados é realizado a partir da memória, fazendo analogias. O exemplo acima é significativo: pilchas como algo de valor era tradicional; pilchas como vestuário é tradicionalista.

Aos poucos, foi-se constituindo uma “cultura” e um vocabulário próprio, particular ao movimento, dando novos sentidos às palavras tradicionais. Outro exemplo é o da prenda, a mulher tradicionalista. Primeiramente constituído exclusivamente por homens (pois pretendiam recriar o galpão, que é um espaço masculino), aos poucos, as mulheres começaram a participar do movimento, em especial quando este passou a realizar bailes ou apresentar danças folclóricas em eventos especiais.

Caso se procure buscar um respaldo na história como garantia de autenticidade, tal como é feito no gauchismo em geral, a companheira dos gaúchos dos primeiros tempos de ocupação e povoamento do território, aqueles indivíduos “sem lei, sem fé, sem rei”, era a “china”. Porém, como este termo é usado no Rio Grande do Sul para designar a prostituta da campanha, ele foi logo descartado pois as mulheres que participavam eram as irmãs, noivas e namoradas dos rapazes que o fundaram.

Prenda, então, foi o termo escolhido. Embora não fosse utilizado na linguagem corrente (ao que se saiba), era usado como sinônimo de mulher numa das poucas canções folclóricas que

37 Ibidem, p. 57.

restavam na memória, “Prenda minha” (“Vou me embora, vou me embora, prenda minha. Tenho muito o que fazer [...]”).

Prenda tem o sentido de dom, dádiva, presente. Porém, prenda também é o verbo prender, o que leva a pensar sobre sua utilização enquanto sinônimo de mulher no contexto do Gauchismo, pois este opera com uma imagem do Gaúcho como um homem “livre”, galante e conquistador, percorrendo o pampa montado em seu cavalo. De fato, se este gaúcho não constituía laços familiares (impedido por muitas razões, entre as quais o trabalho nas estâncias), chamar a mulher de Prenda parece significativo no reforço de uma dada imagem: gaúcho, o homem livre, e a prenda, aquela mulher que o prende.

Outro exemplo de importância dentro da cultura tradicionalista refere-se à própria estrutura do CTG, que procura seguir a forma de organização de uma estância. De acordo com o que estava sendo feito atribuindo nomes antigos e significados novos – tanto os cargos quanto os departamentos receberam denominações, utilizando-se de palavras tradicionais que, de alguma forma, poderiam evocar a nova situação. Assim, o presidente é chamado de patrão, o vice-presidente de capataz, o tesoureiro de sota-capataz, os departamentos de invernadas, e assim por diante. Novo contexto, novo significado.

Esta prática, que é semelhante à “invenção das tradições” descrita por Hobsbawm³⁸, resultou na confusão entre o que pertence à cultura tradicional e cultura tradicionalista. Assim, prenda como sinônimo de mulher gaúcha (e não apenas como mulher tradicionalista) e pilcha como vestuário típico são tidos como “tradicional” no sentido de serem resquício ou sobrevivência do passado.

O vestuário, no caso, a pilcha, assume uma importância particular neste contexto. De fato, a roupa possui uma importante função comunicadora, transmitindo algo sobre quem a está usando. Dentro do Gauchismo, identificar-se com o gaúcho é também portar suas roupas, em especial as bombachas. Ocorre, porém, uma situação: é freqüente o uso não apenas do traje típico tal como é de uso no campo e no Movimento (bombachas, botas, camisa, lenço, chapéu, ponchos e pala no inverno), mas o complemento para esse traje típico, usando também uma série de outros elementos, tais como objetos já caídos em desuso (como as boleadeiras), ou com funções específicas (como o tirador de couro ou o laço, que concernem ao trabalho do campo com o gado).

Trata-se de um “excesso de símbolos”. Neste caso, não basta o traje tradicional; é necessário ainda colocar sobre si outros elementos “típicos” para mostrar-se “ainda mais gaúcho”,

38 HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

num excesso simbólico que remete à afirmação pela diferenciação, ou seja, à reivindicação identitária pessoal através do uso exagerado de símbolos coletivos.

Dentro de uma situação em que todos os nascidos no Rio Grande são gaúchos, surge a necessidade, por parte de alguns dos que procuram cultivar as tradições gaúchas vivenciando o Gaúcho (a partir de sua figura), de expressar uma maior ou uma “verdadeira gauchidade”. Assim, os que pretendem ser “mais gaúchos”, para diferenciar-se dos gaúchos em geral, tratam de utilizar uma série de símbolos e criar códigos compartilhados entre eles como forma de diferenciarem-se e reconhecerem-se.

Toda esta situação leva a uma vigilância constante sobre tudo o que poderia ameaçar a autenticidade, como a introdução de elementos que não pertenciam ao passado pampeano. É assim que são feitos protestos os mais variados como, por exemplo, contra a compra de computadores pelo MTG, contra jogar futebol de bombachas, vestir bombachas com tênis ou mesmo contra a utilização de lingerie atual pelas prendas (com o argumento de que, para serem mais autênticas, deveriam usar bombachinhas, como as mulheres do passado).

Outra atitude foi a criação do ISSO – TCHÊ, uma espécie de garantia de autenticidade gaúcha, tal como o ISO9000 e outros congêneres. Segundo os dirigentes do MTG, seria para, indicar a alguém qual a churrascaria que tivesse o churrasco mais autêntico, por exemplo. O MTG tomou a si a tarefa de conferir o certificado (ou selo) mas não sem gerar discussão em função desta iniciativa (chamada por alguns de “gaúcho com *apellation d’origine controlée*”).

No ano 2000, iniciou uma polêmica em todo o Estado devido à uma manifestação da diretoria do MTG aos seus associados, contra a chamada “Tchê Music” (algo como um “movimento” de grupos musicais que procuram introduzir elementos novos na assim chamada “música gaúcha”), que estaria fora dos padrões estabelecidos pelo Movimento. Em 2006, a polêmica chegou ao seu ápice, com a proibição da Tchê Music no ambiente dos CTGs, havendo mesmo punições para quem insistisse.

Se, por parte da direção do MTG, está existindo esta perspectiva, entre alguns dos mais importantes tradicionalistas (entre os quais alguns dos fundadores), a questão é colocada em outros termos, como podemos ver a partir das palavras de Paixão Cortes, fundador do “35” e idealizador do movimento:

Existem tradicionalistas e gauchistas. Os tradicionalistas, conscientes das mudanças socioeconômicas, e os gauchistas vivem no passado e não querem saber de evolução, nem de tecnologia, vivem no passado e não de temas inspirados no passado [...]. Existe no Tradiciona-

lismo, como em todos os lugares, também os ortodoxos da tradição [...]”³⁹.

O próprio Paixão Cortes, há alguns anos, foi intensamente criticado por ter realizado um comercial para uma marca de café solúvel dizendo “chega de café de chaleira”. Este fato foi muito criticado na época por alguns integrantes do movimento e ainda hoje o fato é lembrado por alguns.

Um outro aspecto é que, a partir do fim do século XX, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, sob inspiração do Tradicionalismo, aprovou algumas leis no sentido de preservação de determinados elementos culturais rio-grandenses.

A primeira foi a chamada “Lei das Pilchas”, tratando da indumentária regional:

LEI Nº. 8.813, de 10 de janeiro de 1989.

Oficializa como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada “PILCHA GAÚCHA”.

Deputado Algir Lorenzon, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no § 5º. do artigo 37, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º. – É oficializado como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada “PILCHA GAÚCHA”.

Parágrafo único – Será considerada “Pilcha Gaúcha” somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Art. 2º. – A “Pilcha Gaúcha” poderá substituir o traje convencional em todos os atos oficiais públicos ou privados realizados no Rio Grande do Sul.

Art. 3º. – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º. – Revogam-se as disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre, 10 de janeiro de 1989.

Deputado Algir Lorenzon, Presidente⁴⁰.

Pelo texto oficial pode-se observar que, embora a lei não estipule como é a “Pilcha Gaúcha”, ela institui o critério “autenticidade da indumentária histórica” (ou seja, ao passado), conferindo ao Movimento Tradicionalista Gaúcho poder de defini-la. Trata-se de oficializar uma autoridade sobre a questão relativa

39 PAIXÃO CORTES, João Carlos. *Falando em Tradição e Folclore Gaúcho*. [S. I.] [S. N.], 1981.

40 Esta e outras leis podem ser vistas no site da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul: www.al.rs.gov.br

aos marcadores de uma identidade regional, àquilo que pode ser utilizado para o reconhecimento do gaúcho.

Em relação à indumentária do gaúcho – a pilcha –, há uma particular atenção. Mas, se no caso da bombacha masculina (item de vestuário usado nas lides pampeanas, em especial no que se refere à montaria) havia um uso até aquele momento (e ainda hoje), no caso da indumentária feminina (não havia nenhum traje especial para lides diárias, que lhe fosse característico) não havia restado nenhum tipo especial. Assim, operou-se uma adaptação do passado, como narra o próprio Barbosa Lessa, lembrando os primeiros tempos do movimento:

E como é que é o vestido das moças? Como modelo, aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as “folhinhas” anuais distribuídas pela Cia. Alpargatas na Argentina. Paixão Cortes encasquetou que deviam ser vestidos compridos até o tornozelo; eu argumentei que se nós, rapazes, estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamentes; isso não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço...

Enfim, naquele alvorecer do 35 CTG, tivemos de nos armar de todo o equipamento necessário para a difusão de nossas tradições. Onde a cultura tradicional se mostrava obscura, não havia outra solução senão a de lançarmos mão de uma nascente cultura tradicionalista⁴¹.

Novamente, observa-se aqui a tradição como elemento de um processo que se dá no presente para os homens do presente, atendendo necessidades (inclusive, por que não, identitárias) destes.

No entanto, como isso poderia ir de encontro com o que é considerado “autêntico-verdadeiro”, não é hoje admitido estando todo o discurso voltado à preservação das “puras” tradições.

Alguns anos depois surgiu a segunda lei, a do “Churrasco”:

LEI Nº 11.929, DE 20 DE JUNHO DE 2003.

Institui o churrasco como “prato típico” e o chimarrão como “bebida símbolo” do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º – Ficam instituídos o churrasco à gaúcha como o prato típico e o chimarrão como a bebida símbolo do Rio Grande do Sul.

41 BARBOSA LESSA, L. C. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 66.

Parágrafo único – Para os efeitos desta Lei, entende-se por churrasco à gaúcha a carne temperada com sal grosso, levada a assar ao calor produzido por brasas de madeira carbonizada ou in natura, em espetos ou disposta em grelha, e sob controle manual.

Art. 2º - Para assinalar as instituições ora estabelecidas, ficam criados “o Dia do Churrasco” e o “Dia do Chimarrão”, a serem comemorados em 24 de abril de cada ano e incorporados ao calendário oficial de eventos do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 3º – A Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul homenageará, anualmente, com o troféu “Nova Bréscea”, uma churrascaria a ser escolhida como modelo por sua fidelidade ao estilo gaúcho, e com o troféu “Roda de Mate” uma ervateira que se distinguiu pela qualidade e aceitação do seu produto.

Art. 4º – Júri especial definirá os critérios de escolha dos agraciados e apontará à premiação os estabelecimentos referidos no artigo anterior, levando em conta, a par dos critérios técnicos e comerciais que estabelecer, as contribuições de qualquer ordem que tenham sido feitas pelos concorrentes para o bom êxito do Programa Fome Zero, ora instituído e mantido pelo Governo Federal, ou a programas similares de solidariedade social em âmbito federal ou estadual, que àquele venham suceder.

Art. 5º – Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 20 de junho de 2003⁴².

Desta vez, a própria lei estipula o que deve ser entendido por “churrasco”. Porém, foram ouvidos protestos em relação a esta forma de tratar com os símbolos e com itens importantes do patrimônio cultural da região.

A pergunta mais comum e feita em tom jocoso era: se uma lei é feita para ser cumprida, estará fora da lei quem fizer churrasco de maneira diferente? A resposta dos mentores da lei foi rápida: só estará fora da lei se quiser chamá-lo de churrasco gaúcho, pois a lei regula o churrasco-símbolo.

Por que uma lei? O interessante é que muitos dos defensores colocam que esta foi feita como uma forma de “valorizar a cultura gaúcha”, não sendo uma imposição. Porém, se lei existe é para ser cumprida. Não poderia ser chamado de “churrasco gaúcho” quando feito com salmoura de sal fino? Pela lei, não. Ou com chimichurri? Também não.

Assim, pelo menos em teoria, uma churrascaria não poderia servir como “churrasco gaúcho” uma carne assada fora destes parâmetros embora, na vivência cotidiana, os gaúchos (portadores desta cultura que inclui o churrasco) assem as carnes

das mais diversas maneiras, antigas e modernas, tradicionais, criativas ou inovadoras⁴³.

Em 1989 ainda não havia o *Livro Registro de Referências Culturais*, do IPHAN, para registrar o chamado “patrimônio imaterial” brasileiro. Porém, em 2003 ele já havia sido criado e hoje há todo um movimento neste sentido nas mais diversas regiões do Brasil já tendo sido registrados itens culturais, tais como a festa do Círio de Nazaré em Belém, as paneleiras do Espírito Santo ou o Acarajé baiano. Por que, então, não houve nenhum movimento no Sul no sentido de registrar o churrasco e o chimarrão? Por que, no Rio Grande do Sul, houve uma opção pela força de uma lei? Fica a questão.

Na medida em que cultura tradicional e cultura tradicionalista são confundidas, o critério “autenticidade e pureza” adquire contornos próprios. Entre os participantes do Gauchismo e, sobretudo, entre os tradicionalistas (compreendendo até mesmo alguns de seus dirigentes), é corrente a idéia de que de que, ao personificarem o gaúcho, estão, objetivamente, restabelecendo o gaúcho original, tal como existia no passado.

Autenticidade, tal como é trabalhada no Gauchismo, é um conceito ambíguo. Podemos ver este fato no caso em que uma nova composição é aceita ou não pelos critérios de autenticidade. Um poncho ou pala com as cores da bandeira do Rio Grande do sul, vermelho, amarelo e verde, por exemplo, não é “tradicional”, pois não é uma “sobrevivência” do passado – não nestas cores. Porém, não há problema maior em sua utilização dentro do Gauchismo, não por ser considerado “autêntico” mas por ser considerado “aceitável,” pois é uma forma de expressar o seu sentimento de pertencimento. Já não seria “aceitável” se fosse com outra combinação de cores.

Desta forma, o Gauchismo em geral e o Tradicionalismo em particular, constroem a chamada “cultura tradicionalista” como uma “cultura de evocação” de inspiração essencialista, referenciada num passado rural idealizado, glorioso e idílico, mas ancorada nas necessidades dos homens do presente. Ou seja, a personificação do gaúcho é feita por homens do presente e, sobretudo, das cidades, através da evocação ao homem da estância. Ao tentarem reproduzir os homens do passado e do campo, jogam com memórias e vivências a partir de idéias, valores e julgamentos do presente.

Desta maneira, trabalhando com os elementos tradicionais, o Gauchismo constitui uma atualização do passado que pretende à autenticidade mas implica na criação e recriação, a cultura tradicionalista. Implica, de fato, em permanente transformação em que, cada vez mais, surgem novas formas, novos termos, no-

43 Sobre o assunto, ver MACIEL, Maria Eunice. Os tipos característicos. Região e estereótipos regionais. *Humanas*, v. 8, n. 1/2, jan./dez., 1995.

vos sentidos. A capacidade de viver “um outro”, quase como num processo de “carnavalização”, propiciando que os gaúchos vivam “um gaúcho” ou, no caso “O Gaúcho”, a partir de um modelo – a figura emblemática – livre das amarras do cotidiano, cantado e glorificado é um de seus principais atrativos e não é por acaso que o Gauchismo, assim, tem tanto sucesso.

Bibliografia

- ASSUNÇÃO, Fernando O. *El Gaucho – estudio socio-cultural*. Montevideo: Dirección General de Extensión Universitaria, 1978.
- BARBOSA LESSA, L. C. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- BELMONT, Nicole. *Arnold Van Gennep – créateur de l’ethnographie française*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, s/d.
- BOEHM, J.H. Mémoires Relatifs à l’expédition au Rio Grande do Sul. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1979)*, volume III. Rio de Janeiro: IHGB/IGHMB, 1979.
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: *RS Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1986.
- CEZIMBRA JACQUES, João. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ERUS, 1979 (1ª edição 1912).
- CORREIO DO POVO, 22 de setembro de 1898.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. 4. ed. Nova Dimensão / EDIPUCRS, Porto Alegre, 1990.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LENCLUD, Gérard. La tradition n’est plus ce qu’elle était.... In: *Terrain* n. 9, octobre 1987.
- MACIEL, Maria Eunice. Os tipos característicos. Região e estereótipos regionais. *Humanas*, v. 8, n. 1/2, jan./dez., 1995.
- MEYER, Augusto. *Gaúcho, história de uma palavra*. Cadernos do Rio Grande, IEL, Divisão de Cultura, SEC, Porto Alegre, 1957.
- MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Aurora, 1951.
- MORAES, Carlos Dante de. *Figuras e ciclos da História Rio-Grandense*. Porto Alegre: Globo, 1959.
- OLIVEN, RUBEN GEORGE. *A parte e o todo*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PAIXÃO CORTES, João Carlos. *Falando em Tradição e Folclore Gaúcho*. [S.l.] [S.N.], 1981.
- PEREIRA CORUJA, Antonio A. *Antigualhas*. Porto Alegre, União de Seguros Gerais, ERUS, 1983.
- PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1940: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA,

Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

POUILLON, Jean. Tradition: transmission ou reconstruction. In: POUILLON, J. *Fétiches sans fétichisme*. Paris: Maspero, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

TEIXEIRA, Múcio. *Flores do Pampa*. [S. I] [S. N], 1877.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les Autres*. Paris: Seuil, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

ZUMTHOR, Paul. L'oubli et la tradition. In: Politiques de l'oubli, *Le Genre Humain*, Paris: Seuil, octobre 1988.

Glossário

Aperado – Vem de *aperos*, arreios. Não confundir com aperreado, triste, deprimido, enfraquecido.

Boleaderas – Instrumento composto de três pedras redondas envolvidas em couro e ligadas entre si. Era utilizada lançando-a em direção das patas de um animal para, enroscando-se, fazê-lo cair.

Bombachas – Calças largas presas ao tornozelos. Parte da vestimenta típica do gaúcho.

Capataz – Encarregado de chefiar os trabalhadores da estância e/ou administrá-la no que se refere às lides pastoris.

Chula – Dança que consiste em sapateado e outras figuras performativas ao redor de um bastão ou lança.

Fogo-de-chão – Fogueira em torno da qual as pessoas se reúnem.

Galpão – Construção existente nas estâncias e fazendas para abrigar pessoas, animais, servir como depósito de arreios, grãos e materiais diversos. No Tradicionalismo, sede do CTG.

Guapos – Forte e valente, bonito.

Gaudério – Pessoa sem ocupação regular. Vagabundo, andarilho.

Invernada – Campo cercado para diversos usos relacionados com o gado. Departamento de um CTG.

Pala – Poncho leve.

Pilcha – Dinheiro, adorno, jóia ou roupa, mas sempre algo de valor. A partir do Tradicionalismo, vestimenta típica de gaúcho.

Piquetes – No sentido do texto, um tipo de associação tradicionalista. É, originalmente, usado para indicar um pequeno espaço para os animais de uso diário, em geral perto da casa ou uma tarefa cotidiana.

Poncho – Espécie de capa retangular com abertura no meio, onde passa a cabeça.

Prenda – Mulher tradicionalista.

Querência – Lugar de nascimento ou de criação.

Sota – Capataz – Numa estância, aquele que está imediatamente abaixo do capataz. Cargo de diretoria de um CTG.

Tirador – Uma espécie de avental de couro usado pelos laçadores para protegerem-se do atrito do laço.



Maria Eunice de Souza Maciel (1954) é natural de Ijuí/RS. Possui graduação em Ciências Sociais, especialização em História do Rio Grande do Sul e mestrado em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutorado em Antropologia, pela Université Paris V (René Descartes). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua linha de pesquisa é sobre Maneiras de Viver – modos e estilos de vida, atualmente com ênfase nos estudos sobre a alimentação humana, enfocando-a a partir da antropologia.

Algumas publicações da autora

MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben; VICTORA, Ceres; ORO, Ari (Orgs.) *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

MACIEL, Maria Eunice. Apuntes acerca de la cultura alimentaria en Brasil. In: *Antropología y nutrición* (Orgs. Miriam Bertran e Pedro Arroyo). México, D.F.: Fundación Mexicana para la Salud, 2006, p. 117-135.

MACIEL, Maria Eunice. Una cocina al sur de Brasil. In: *Arbitrario cultural – Racionalidad y irracionalidad del comportamiento comensal* (Org. Amado A. Millán). Huesca: Edit. La Val de Onsera-Espanha, 2005. p. 649-670.

MACIEL, Maria Eunice. “Identidade Cultural e Alimentação”. In: *Antropologia e nutrição: um diálogo possível* (Orgs. A. M. Canesqui e R. W. D. Garcia). Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 49-55.

MACIEL, Maria Eunice; GOMBERG, Estélio (Orgs.). *Temas em cultura e alimentação*. Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe/Fundação Oviêdo Teixeira, 2007.